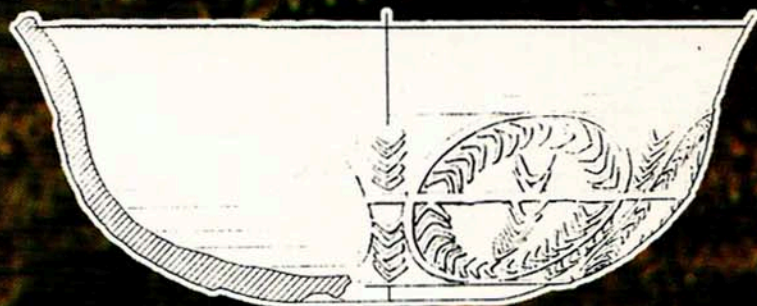
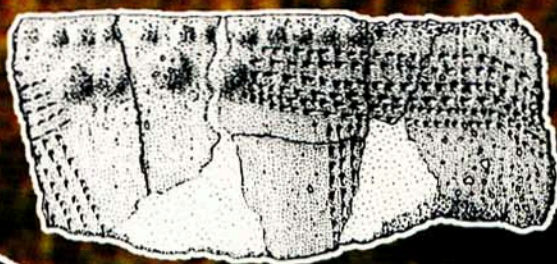
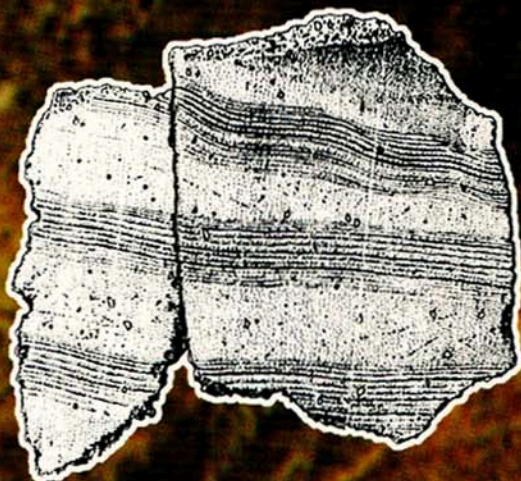


CÔA VISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 1 · ANO DE 1999



EDIÇÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

Moedas Romanas Encontradas nos Termos de Numão e Freixo de Numão

– Qual o seu contributo para o estudo da Romanização nestes dois maciços graníticos da Zona ocidental do concelho de Foz Côa?

ANTÓNIO DO NASCIMENTO SÁ COIXÃO¹

Os termos das freguesias de Numão e Freixo de Numão são geologicamente formados por dois “maciços graníticos”, encaixados entre os xistos que caracterizam a maioria do solo e subsolo da região do Douro Superior.

Estudos efectuados nas décadas de 50 a 70 sobre materiais romanos encontrados em Numão (vid. trabalhos diversos de FERREIRA, João Albino Pinto) bem como de epígrafes (onde se salientam as inscrições rupestres), levaram ao despertar, nas décadas de 80 e 90, para estudos mais aprofundados na área do concelho de Foz Côa, sobre o povoamento desta região durante a “era dos Imperadores”.

O autor deste artigo realizou diversas campanhas de prospecção e escavação arqueológica, entre os anos de 1980 a 1998, resultando na publicação da “CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE VILA NOVA DE FOZ CÔA”, no ano de 1995.

Depois de sintetizados os dados recolhidos, cedo se constatou que a área formada por aqueles dois “maciços graníticos” era a mais densamente povoada, entre finais do século I a.C. e o século IV d.C.

Relendo a obra legada pelo historiador Dr. João Albino Pinto Ferreira, constatou que o mesmo se baseou (na grande maioria dos estudos) na colecção particular do Médico Dr. João Gouveia (natural e residente em Numão).

O médico João Gouveia, senhor de riqueza pessoal assinalável e de um interesse desmesurado pelas coisas antigas e pela antiguidade da sua terra natal, fez mexer as gentes da sua aldeia na procura das antiguidades. Assim, em tempos em que a miséria grassava, em que a “jorna” mal dava para comer, em que um dia de trabalho de um homem equivalia ao preço de um litro de azeite, muitos terão sido os habitantes de Numão que se foram ocupando de achar, no solo ou no sub-solo, “velharias” que depois iam entregar ao extinto médico, certamente a troca de uma oferta em dinheiro superior ao da “jorna”!

Assim a colecção se foi engrossando, enchendo-se prateleiras de machados de anfíbolito, de pesos de tear em barro, de moedas romanas, entre outros materiais. No quintal da sua casa foi arrumando

altos e baixos relevos, capiteis bases e fustes de colunas, cabeceiras de sepultura.

Foi o Dr. João Albino Pinto Ferreira bafejado pela sorte ao serem-lhe facultados os materiais para estudo. Alguns trabalhos sobre moedas, pesos de tear em barro, machados de pedra polida (embora sucintos) acabaram por ser publicados pelo mesmo.

Hoje, numa fase em que a arqueologia e os estudos científicos complementares e auxiliares são cada vez mais uma necessidade e já alguma realidade, arqueólogos que têm tentado “reestudar” aqueles materiais vêem-se impedidos de o fazer. Os herdeiros do extinto médico e coleccionador tal não têm permitido, impedindo assim estudos e conclusões mais aprofundadas sobre tais materiais e seu contexto.

Valemo-nos, para o presente artigo, da separata da “NVMMVS”, nº 33, com o título “MOEDAS ROMANAS ENCONTRADAS NO TERMO DE NUMÃO”, da autoria do já citado Dr. Pinto Ferreira. Nela o autor apresenta a descrição de 22 moedas da citada colecção. Resta-nos saber, no entanto, se outras moedas lá existem, qual a sua cronologia (já que a proveniência e contexto, essas serão praticamente impossíveis de determinar).

Para a zona de Freixo de Numão, a base do estudo assenta em 74 moedas encontradas, na sua maioria, durante trabalhos arqueológicos. Além destas outras existem que não foi possível identificar, tal o seu grau de desgaste.

Elaborados alguns gráficos (que se apresentam neste trabalho) verificámos de imediato que a grande maioria das moedas de Numão têm como horizonte cronológico os séculos I a.C., I d.C. e II d.C., decaindo o seu número ao longo do século III d.C. e muito mais no século IV d.C..

Quanto à área de Freixo de Numão, verificámos que apenas 1 moeda se reportava ao século I a.C., sendo essa, por sinal, uma “moeda itinerante de Carisius”, à qual não ligámos qualquer contexto

¹ Arqueólogo; Licenciado em História; Mestrado em arqueologia pré-histórica; investigador; Professor do Ensino Secundário.

habitacional, mas apenas de passagem. O sítio do achado (ADZIBOIA), na área contígua (a sul) da denominada “zona do Castelo” (freguesia de Freixo de Numão), levou-nos a colocar a hipótese de ali terem acampado Carisius e os seus legionários nos idos de 26 a.C..

Dos séculos I e II d.C. apenas inventariámos, na área e termo de Freixo de Numão, 10 moedas (3 do século I e 7 do século II). No entanto, num contraste desde logo detectável, surgia um elevado número de moedas datáveis dos séculos III e IV d.C. (31 do século III e 32 do século IV). Esta análise levou-nos, em termos estatísticos, a estabelecer diferenças entre os achados numismáticos de Numão e Freixo de Numão.

Se para esta área (Freixo de Numão) os elementos arqueológicos são base fiável para este “jogo de dados”, para Numão não o são assim tanto, dadas as condições em que as recolhas foram feitas, sendo impossível, para este caso, ensaiar a “crítica da proveniência”.

Pelos dados disponíveis (e possíveis) colocaremos a hipótese de Numão ter sido fortemente romanizado entre os finais do século I a.C. e finais do século II d.C., vindo depois a sua importância a decair ao longo dos séculos seguintes, talvez mesmo até ao século XII, altura em que encontrando-se o lugar “ermado” foi repovoado (com couto de homiziados) ganhando “foral” no ano de 1130.

Quanto ao Freixo de Numão romano, ele já existiria no século I d.C., atingindo o auge nos séculos III e IV d.C.

A acontecer assim, diremos que a história se repete. Se realmente a área de Numão perde força, gente e prestígio a favor da área de Freixo, a partir do século III d.C., o mesmo voltou a verificar-se, a partir do século XVI, quando os juizes e demais homens da administração trocam o morro agreste de Numão pelas planuras de Freixo, transferindo com eles o concelho para esta agora florescente vila de Freixo de Numão.

Passando agora à análise das moedas provenientes do termo da freguesia de Freixo de Numão, achámos conveniente dividir a sua proveniência em 3 áreas: área urbana da actual freguesia; área envolvente da mesma; área rural onde estariam incluídos os “Casais e villae”.

O estudo dos numismas vem, em grande parte, confirmar as cronologias que, ainda nas fases de escavação arqueológica, havíamos estabelecido para a maioria dos sítios.

Começando pelo sítio mais importante (pelo menos o mais bem estudado até hoje) denominado de PRAZO, desde a segunda campanha que apontávamos para uma ocupação romana durante três períodos: uma nos séculos I e II d.C.; outra (curta) na segunda metade do século III d.C.; outra durante o século IV d.C.

Analisando o gráfico respeitante a este sítio, verificamos que do século I d.C. não foi exumado

qualquer numisma. Aguardam-se resultados de estudos de cerâmicas, a fim de confirmarmos se a primeira ocupação daquele lugar teve o seu início no século II d.C. ou no século anterior.

Quanto ao curto espaço de ocupação do século III d.C.; o estudo dos numismas confirma-no-lo. As moedas desse século reportam-se apenas a um período de 20 anos (entre 250 e 270 d.C.).

A ocupação do século IV d.C. terá sido iniciada nos primeiros anos daquele século e irá prolongar-se, provavelmente, até ao último quartel ou inícios do século V d.C.

O sítio do RUMANSIL (deste apenas foi estudado o que se julga ser a “pars fructuária” de uma Villa), terá tido apenas uma ocupação durante o século III d.C., se bem que tivesse sido exumada uma moeda do século II d.C. (segunda metade). Os resultados de estudos das cerâmicas poderá ou não vir a confirmar-nos esta hipótese. De realçar que o espaço cronológico das moedas do século III d.C. do Rumansil é exactamente igual ao do já atrás citado sítio do PRAZO!

No sítio do ZIMBRO II (que julgamos tratar-se da “pars fructuária” de uma Villa), as moedas encontradas compreendem o horizonte cronológico dos séculos III e IV d.C. As do século III têm apenas um horizonte de 17 anos, coincidindo com os registados no PRAZO e Rumansil!

Que terá acontecido por volta do ano 270 d.C.? Porquê o provável abandono desta villae de carácter rústico? Que relações com a instabilidade do poder imperial, as guerras civis no tempo de Probo, levantamentos de grupos populares que, abandonando o trabalho, se reuniam em grupos e salteavam as villae e as povoações (os *bagaudae*) causando um problema social grave? (ALARCÃO Portugal Romano, pág. 57 e 58)

No termo de Freixo de Numão há uma grande área denominada VENDADA, onde existe um grande número de vestígios arqueológicos romanos. Localiza-se a mesma entre os sítios do PRAZO e Rumansil. Não foi ali feita qualquer intervenção arqueológica (ao nível de escavação) mas apenas prospecção com recolhas de superfície. Os cinco numismas recolhidos abrangem os séculos I a IV d.C.

O sítio arqueológico da COLODREIRA/ESCORNA BOIS foi parcialmente intervencionado, tendo-se ali recolhido apenas duas moedas do século IV d.C. Aqui, moedas e cerâmicas estão plenamente de acordo quanto ao período de ocupação do sítio!

Quanto à ocupação da área que hoje constitui a zona urbana da freguesia de Freixo de Numão, as cerâmicas exumadas apontavam-nos para uma ocupação durante os séculos I e IV d.C. A zona escavada foi apenas o denominado QUINTAL DA CASA GRANDE. No entanto, acompanhando a abertura de valas para a implantação da rede de esgotos, verificámos que praticamente toda a denominada “parte velha” da freguesia contem vestígios do período romano.

As poucas moedas exumadas ou recolhidas à superfície, abrangem os 4 primeiros séculos após o nascimento de Cristo, o que nos atesta a ocupação do espaço desde a chegada até à queda do Império.

Confirmada que está uma ocupação massiva da área de Freixo de Numão nos séculos III e IV d.C., continuamos sem compreender o que terá levado, nesse período, ao crescimento da provável civitas (actual Freixo e antiga S. Pedro de Freixo), bem como a uma grande ocupação, com casais e villae, de toda a zona agrícola.

Que efeito poderá ter tido o "Édito de Caracala", no ano de 212 d.C., ao conceder a cidadania a todos os homens livres do Império? E porque não uma conseqüente despenalização da escravatura, surgindo um grande número de "escravos libertos"? A grande quantidade de villae edificadas a partir do século III d.C., poderá muito bem estar relacionada ou ser um dos efeitos do citado Édito! Novos cidadãos, sedentos de riqueza e prestígio, poderão ter construído as suas villae, motivados até pelo crescimento da urbe, que seria necessário alimentar, vestir, calçar, recheiar de objectos de adorno ou de uso comum. A grande quantidade de pesos de tear, de fornos de cerâmica, de forjas e fornos de fundição de metais, lagares e lagaretas de vinho e azeite, inventariados em toda a área, podem disso ser sintomas.

Do esplendor da área Numantina (Coniumbriga no tempo dos Romanos?) falamos não só os

numismas mas também as inscrições rupestres e uma ara votiva.

Ficamos a aguardar os resultados dos estudos das cerâmicas exumadas nas diversas campanhas de escavação arqueológica, levadas a efeito pelo autor deste artigo, no período de 1984 a 1998, para, em conjunto com os dados obtidos com o estudo dos numismas, consolidarmos (ou não) o que denominamos de "estádios de fixação ou povoamento destas terras no período de ocupação romana".

Nota: o autor quer aqui deixar um agradecimento muito especial às alunas do Curso de História (variante de Arqueologia) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto Ana Maria dos Santos Silva, Maria João Cunha e Sandra dos Santos Ferreira, bem como ao Senhor Prof. Dr. Rui Centeno, pelo estudo da grande maioria das moedas romanas de Freixo de Numão.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de, "Portugal Romano", Editorial Verbo, 1974.
 CENTENO, Rui M. Sobral, "Um Tesouro de Aurei do Norte de Portugal", Porto, 1978.
 COIXÃO, António N. Sá, "Carta Arqueológica do concelho de Vila Nova de Foz Côa", 1995.
 COIXÃO, António N. Sá, "Um projecto – a investigação – a musealização e um circuito" – Freixo de Numão, 1996.
 SUTHERLAND, C.H.V., "Monnaies Romaines", Fribourg (Suisse), 1974.

MOEDAS ROMANAS DE NUMÃO

(hoje na colecção particular de herdeiros de Dr. João Gouveia)

(estudo publicado por Dr. João Albino Pinto Ferreira in separata de "N.V.M.M.V.S", nº 33)

PERÍODO OU IMPERADOR	DATAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO	QUANTIDADE
REPÚBLICA	Séc. I a.C.	2 denários de prata 1 grande bronze	3
AUGUSTUS	Séc. I a.C.	1 denário de prata	1
TIBÉRIO	14 a 37 d.C.	1 denário de prata	1
CLÁUDIO	41 a 42 d.C.	1 médio bronze	1
NERO	54 a 68 d.C.	1 médio bronze	1
VESPASIANO	69 a 79 d.C.	1 denário de prata	1
DOMICIANO	81 a 96 d.C.	1 áureo de ouro	1
NERVA	96 a 97 d.C.	1 denário de prata	1
TRAJANO	98 a 117 d.C.	1 denário de prata 1 grande bronze	2
ADRIANO	117 a 138 d.C.	1 denário de prata 1 grande bronze	2
ANTONINO PIO	138 a 161 d.C.	1 grande bronze	1
CRISPINA (COMODO)	180 a 183 d.C.	1 médio bronze	1
GALIENO	259 a 268 d.C.	1 pequeno bronze 2 médios bronze	3
AURELIANO	270 a 275 d.C.	1 médio bronze	1
CONSTANTINO	330 a 333 d.C.	1 pequeno bronze 1 médio bronze	2

MOEDAS ROMANAS INVENTARIADAS NO ARO DE FREIXO DE NUMÃO
(identificadas)

IMPERADOR	PERÍODO	CLASSIFICAÇÃO	QUANTIDADE
AUGUSTO (moeda Itinerante CARISIUS)	26 a.C.	Asse	1
TIBÉRIO	14 a 37 d.C.	?	1
VITÉLIO	69 d.C.	Denário	1
TRAJANUS	98 a 117 d.C.	Denário	1
ADRIANO	117 a 138 d.C.	2 Sestércios	2
ADRIANO	117 a 138 d.C.	?	1
MARCO AURÉLIO	161 a 180 d.C.	1 Denário 1 Sestércio	2
FAUSTINA II	161 a 180 d.C.	1 Sestércio	1
ALEXANDRE SEVERO	222 a 225 d.C.	1 Denário	1
TRAJANUS DÉCIUS	249 a 251 d.C.	1 Sestércio	1
GALIENO	259 a 268 d.C.	10 Antoninianos	13
CLÁUDIO II (O GÓTICO)	268 a 270 d.C.	1 Asse 8 Antoninianos	12
QUINTILIUS	270 d.C.	?	1
TETRIENUS	271 a 274 d.C.	?	1
MAXIMIANO	292 a 295 d.C.	2 Antoninianos	2
CONSTANTINO MAGNO	306 a 337 d.C.	2 Pequenos Bronzes	4
CONSTANTINO (DIVUS)	337 a 340 d.C.	?	1
HELENA (mulher de CONSTÂNCIO GALO)	340 d.C.	1 Pequeno Bronze	1
CONSTANTINO	340 a 347 d.C.	2 Pequenos Bronzes 1 Meio Centionelis	5
CONSTÂNCIUS II e CONSTANT	340 a 347 d.C.	1 Constantiniano 1 Centionelis 1 Meio Centionelis	21
JULIANO	361 a 363 d.C.	1 Constantionalis	1

MOEDAS ROMANAS INVENTARIADAS NOS TERMOS DAS FREGUESIAS DE NUMÃO E FREIXO DE NUMÃO

Distribuição por séculos

ÁREA DE RECOLHA	Séc. I a.C.		Séc. I d.C.		Séc. II d.C.		Séc. III d.C.		Séc. IV d.C.		TOTAL
	1.º met	2.º met	1.º met	2.º met	1.º met	2.º met	1.º met	2.º met	1.º met	2.º met	
NUMÃO (em colecção)	-	4	2	6	3	1	-	4	2	-	22
FREIXO DE NUMÃO (área envolvente)	-	1	-	-	-	-	-	2	2	1	6
FREIXO DE NUMÃO (área urbana)	-	-	1	1	1	-	-	3	4	-	10
FREIXO DE NUMÃO (área rural)	-	-	-	1	3	3	2	24	20	5	58

MOEDAS ROMANAS INVENTARIADAS NO ARO DE FREIXO DE NUMÃO

(distribuição por locais de achados)

1 – ADRO DA IGREJA: (escavações de Necrópole Medieval e Moderna)

- 1 Denário de TRAJANO – 98 a 117 d.C.
- 1 Antoniniano de CLÁUDIO II (O GÓTICO) – 268 a 270 d.C.
- 1 moeda de TRAJANO – 271- 274 d.C.

2 – RUA DO FORNO: (junto às escavações do Quintal da Casa Grande)

- 1 pequeno Bronze de HELENA (mulher de CONSTÂNCIO GALO) – ano 340 d.C.
Oficina – TRIER

3 – RUA DO CABO LUGAR: (junto ao lugar das Eiras) – (recolha de superfície)

- 1 Antoniniano de MAXIMINO – 292 – 295 d.C.
- 1 meio Centionelis de CONSTÂNCIUS II – 324 – 361 d.C.

4 – LUGAR DA GRANJA: (recolha de superfície)

- 1 moeda de CONTÂNCIUS (?) AUG – 351 – 354 d.C.

5 – LUGAR DO CARDAL: (recolha de superfície)

- 1 Antoniniano de CLÁUDIO II (O GÓTICO) – 269 d.C.

6 – PAÇAL DO SOBRAL: (recolha de superfície)

- 1 moeda de CONSTÂNCIUS II – 337 – 350 d.C. – Oficina – Roma

7 – ADZIBÔA: (recolha de superfície)

- 1 Asse de AUGUSTO (atelier itinerante de CARISIUS) – 26 a.C.

8 – COLODREIRA/ESCORNA BOIS: (escavações arqueológicas)

- 1 moeda de CONSTANTINO MAGNO – 330 – 333 d.C.
- 1 moeda de CONSTÂNCIUS II – 346 – 350 d.C.

9 – ZIMBRO I: (recolha de superfície)

- 1 Antoniniano de GALIENO – 253 – 268 d.C.
- 1 moeda de CONSTANCIUS II – 346 – 361 d.C.

10 – VENDADA: (recolha de superfície)

- 1 Asse no tempo dos PLÓNIOS (finais de século I d.C.)

- 1 Sestércio de ADRIANO – 117 – 138 d.C. – Oficina – Roma

- 1 Antoniniano de MAXIMIANO – 289 – 294 d.C.

- 1 moeda de CONSTANTINO II CÉSAR – 335 – 341 d.C.

- 1 moeda de CONTÂNCIO GALO – 351 – 354 d.C. – Oficina – Roma

11 – RUMANSIL I: (escavações arqueológicas)

- 1 Denário de MARCO AURÉLIO – 161 – 180 d.C. – Oficina – Roma

- 1 Sestércio de TRAJANO DECIUS – 249 – 251 d.C.

- 1 Antoniniano de GALIENO AUG. – 259 – 260 d.C.

- 1 Antoniniano de GALIENO – 259 - 268 d.C.
- 1 Antoniniano de CLAUDIO II – 268 – 270 d.C.

- 1 moeda de CLAUDIO II – 268 – 270 d.C. – Oficina – Roma

- 1 moeda de QUINTILIUS – 270 d.C. – Oficina – Roma

12 – QUINTAL DA CASA GRANDE: (escavações arqueológicas)

- 1 moeda de TIBÉRIO – 14 a 37 d.C.

- 1 Denário de VITÉLIO – 69 d.C.

- 1 Antoniniano de GALIENO – 259 – 268 d.C.

- 1 pequeno Bronze de CONSTANTINO – 340 a 346 d.C. – Oficina – Roma

- 2 moedas de CONSTANCIUS II – 346 – 350 d.C.
- 3 moedas não identificadas

13 – ZIMBRO II: (escavações arqueológicas)

- 1 Antoniniano de GALIENO – 256 – 268 d.C.

- 1 Antoniniano de CALUDIO II – 268 – 270 d.C.

- 1 moeda de CLAUDIO II – 268 – 270 d.C.

- 1 moeda de CLAUDIO II – 270 d.C.

- 1 moeda de CONSTANTINO MAGNO – 330 d.C.

- 3 moedas de CONSTÂNCIUS II – 347 – 348 d.C.

- 1 meio Centionelis de CONTANS – 333 – 350 d.C.

- 1 Constantiniano de CONTÂNCIUS II – 351 – 354 d.C. – Centro Emissor. SICIA

- 1 Constantionalis de JULIANO – 355 – 363 d.C. – Centro Emissor – Constantinopla

- 2 moedas não identificadas

14 – PRAZO: (escavações arqueológicas)

- 1 Sestércio de ADRIANO – 117 – 138 d.C.

- 1 moeda de ADRIANO – 117 – 138 d.C.

- 1 Sestércio de FAUSTINA II – 161 – 180 d.C.

- 1 Sestércio de MARCO AURÉLIO – 161 – 180 d.C. – Oficina – Roma

- 1 Denário de ALEXANDRE SEVERO – 222 – 225 d.C. – Oficina – Roma

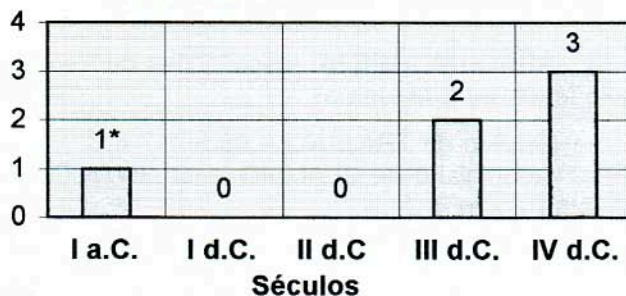
- 5 Antoninianos de GALIENUS – 253 – 268 d.C.

- 3 moedas de GALIENUS – 253 – 268 d.C.

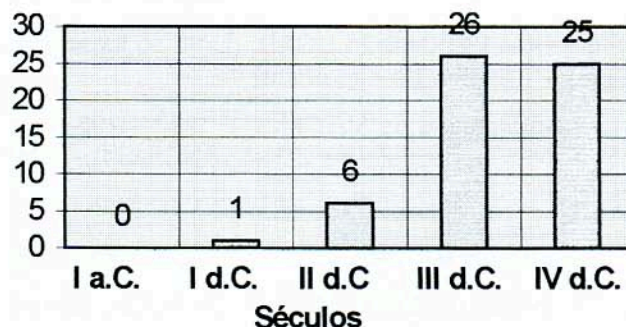
- 3 Antoninianos de CLAUDIO II – 268 – 270 d.C.

- 1 Asse de CLAUDIO II – 268 – 270 d.C.
- 1 Antoniniano de CLAUDIO II – 268 – 270 d.C. – Oficina – Roma
- 1 moeda de CONSTANTINO MAGNO – 317 – 324 d.C – Atelier - Siscia
- 1 pequeno Bronze de CONSTANTINO MAGNO – 306 – 337 d.C. – Oficina – Lugdunum
- 1 pequeno Bronze de CONSTANTINO MAGNO – 306 – 337 d.C. – Oficina – Lyon
- 1 moeda de CONSTANTINO MAGNO – 306 – 337 d.C. – Oficina – Arles
- 1 moeda de CONSTANTINO (DIVUS) – 337 – 340 d.C.
- 1 moeda de CONSTANCIO II – 347 d.C. – Oficina – Trevena
- 1 pequeno Bronze de CONSTANCIO II – 346 – 347 d.C. – Oficina – Aquileia
- 1 moeda de CONSTANCIO II – 346 – 347 d.C. – Oficina – Antioch
- 1 moeda de CONSTANCIO II – 346 – 347 d.C.
- 1 pequeno Bronze de CONSTANCIO II – 347 – 348 d.C.
- 1 Centionalis de CONSTANCIO II – 348 – 355 d.C.
- 1 moeda de MAGNÊNIO ou DECÊNIO – 350 – 353 d.C.
- 1 moeda de JULIANUS – 361 – 363 d.C.

em FREIXO DE NUMÃO (área envolvente)



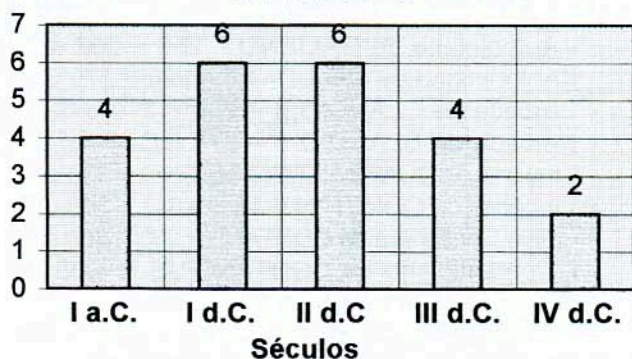
em FREIXO DE NUMÃO (área rural)



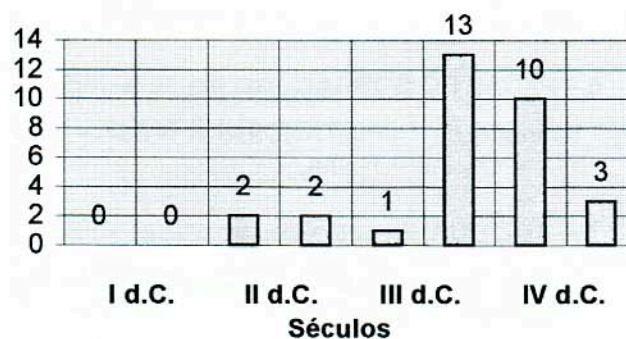
MOEDAS ROMANAS

(recolhidas até 1997)

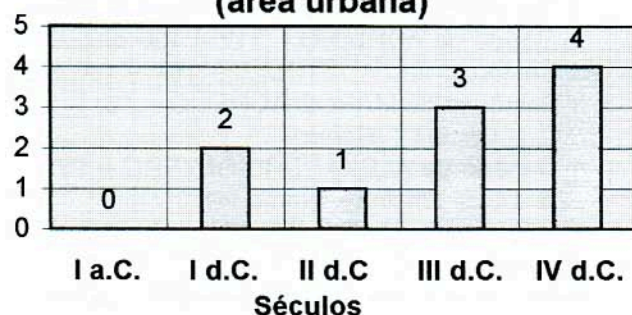
em NUMÃO



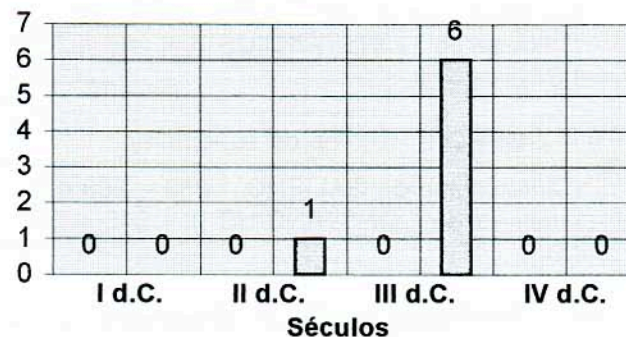
PRAZO



em FREIXO DE NUMÃO (área urbana)

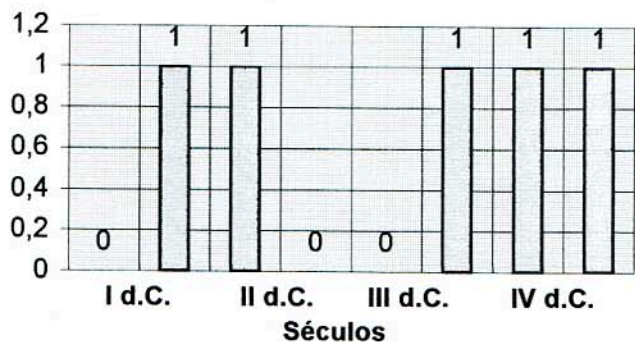


RUMANSIL I

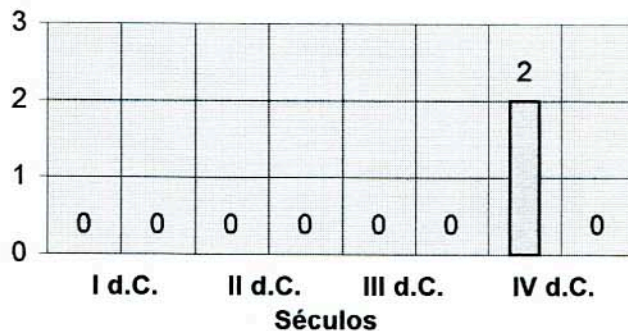


* moeda itinerante de CARISIUS (26 a.C.) - ADZIBOIA

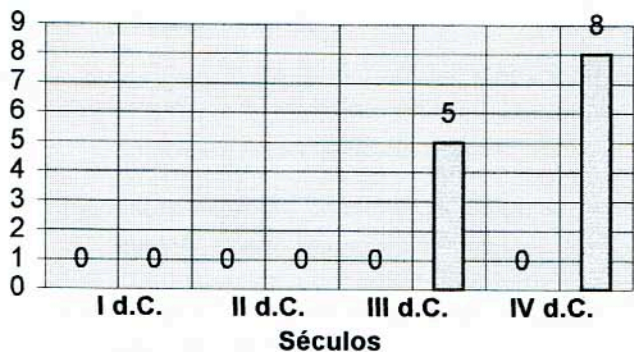
ÁREA DA VENDADA



COLODREIRA - ESCORNA BOIS



ZIMBRO I e ZIMBRO II



ÁREA URBANA DE FREIXO DE NUMÃO E ENVOLVENTE

